

## EXPERIÊNCIAS COM ARTE/EDUCAÇÃO NA MEDIAÇÃO CULTURAL DO PRÊMIO DIÁRIO CONTEMPORÂNEO DE FOTOGRAFIA

Mauricio Igor Almeida<sup>1</sup>

John Fletcher<sup>2</sup>

48

**RESUMO:** O Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia é um importante mobilizador do cenário artístico em Belém do Pará ao estimular reflexões e debates a partir de trabalhos de artistas em âmbito nacional. O projeto tem a preocupação nos diálogos estabelecidos com os visitantes, dessa forma, possui processo de formação e seleção das pessoas que atuam diretamente com o público em ações educativas. Nesse contexto, o presente trabalho se trata de um relato reflexivo de experiência de quando fui mediador cultural no Prêmio Diário, com atuação no Museu da Universidade Federal do Pará, em 2017. Desse modo, as vivências são entrecruzadas a partir de referenciais teóricos acerca da mediação cultural, tais como Alencar (2008), Martins (2013), Ana Mae Barbosa e Rejane Galvão Coutinho (2009).

**PALAVRAS-CHAVE:** Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia; mediação cultural; educação em museu.

<sup>1</sup> É Artista Visual, Arte Educador e Pesquisador. Graduando do oitavo semestre no curso de Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal do Pará (UFPA), também foi selecionado como bolsista do Programa Santander Universidades Bolsas Ibero-Americanas para estudos na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, em Portugal (2019). Possui experiência em pesquisa acadêmica e artística sendo bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Produção Artística (PIBIPA), do ICA-UFPA, integrado ao projeto de pesquisa "Sobre a pele, o rio: a paisagem no território da Cultura atravessando o Campo da Arte" coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dra Ana Cláudia do Amaral Leão. Também foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/ 2017-2018), sob coordenação do Professor Arthur Leandro, financiado pela CAPES. Seu trabalho artístico é focado em reflexões sobre o corpo não hegemônico, atravessando questões de identidades inseridas em temas como miscigenação, sexualidade e o cotidiano amazônico. Tais processos se desdobram em fotografias, performances, vídeos, textos, intervenções e instalações. Por meio destes, participou de diversas exposições no Brasil e em Portugal.

<sup>2</sup> Professor de Inglês nativo (britânico), 15 anos de experiência na área de língua e literatura, tendo trabalhado em Londres, na Espanha e no Brasil. Jornalista, tendo escrito para jornais, revistas e também atuado na área de difusão de notícias de rádio. Último trabalho no Reino Unido foi como professor sênior em jornalismo na University for the Creative Arts (UCA) em Farnham, Surrey (2008 - 2011). Possui graduação em Combined Studies - Bradford & Ilkley Community College (1985) e mestrado em Critical Theory - University of Sussex (1986).

## Experiences with Art / Education in the cultural mediation of the *Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia*

**ABSTRACT:** The Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia is an important mobilizer of the artistic scene in Belém do Pará by stimulating reflections and debates based on the work of artists on a national level. The project has the concern in the dialogues established with the visitors, this way, it has a process of formation and selection of people who act directly with the public in educational actions. In this context, the present work is a reflective report of experience from when I was a cultural mediator at the Prêmio Diário, acting at the Museum of the Federal University of Pará, in 2017. Thus, the experiences are crossed from theoretical references about cultural mediation, such as Alencar (2008), Martins (2013), Ana Mae Barbosa and Rejane Galvão Coutinho (2009).

**KEY WORDS:** Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia; cultural mediation; museum education.

### **Museus e educação**

Quando se pensa em educação e aprendizado, de forma generalizada, é comum associar inicialmente a escolas ou universidades. A esta modalidade de educação podemos chamar de educação-formal, a qual é sistematizada, possui um currículo estruturado burocraticamente e nacionalmente é gerida por órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação. Todavia, não é a única forma de educação, a educação não-formal possui menos hierarquia e burocracia, em que não precisa necessariamente seguir um sistema de progressão (GADOTTI, 2005).

Estas diferenciações em se tratando acerca das definições na educação são relativamente novas, pois “a terminologia formal/não formal/informal, de origem anglo-saxônica, foi introduzida a partir dos anos de 1960” (FÁVERO, 2007, p. 01). Assim, com estudos e experiências nos mais diversos lugares para além das escolas, é possível afirmar que a educação e o conhecimento não estão apenas na sala de aula, uma vez que ambas as formas de educação acrescentam ao processo de

aprendizagem e formação. Contudo, ainda que há uma tendência em se pensar que os conhecimentos que não são oriundos da formalidade educacional não sejam tão válidos, ou então tratados com menos seriedade. Por conseguinte, atividades consideradas não-formais são vistas como algo recreativo, como um passatempo, muitas vezes ignorando a importância de construção social que promovem (GARCIA, ROTTA, 2011).

Tal forma de educação pode ocorrer em diversos lugares, a depender da ação a ser promovida, como em ONGs e creches. Dentre estes, os museus vêm se destacando como um importante espaço cultural em que se promovem atividades não-formais de ensino. A ideia de o museu ser atrelado à educação passou a ser desenvolvida no decorrer da história; no entanto, mesmo nos dias atuais, ainda há quem veja o museu apenas como um espaço recreativo ou unicamente expositivo de obras de arte. O artista Luis Camnitzer, por exemplo, produziu ações artísticas depois de ouvir de um curador de uma exposição individual onde participaria que “o museu não é uma escola”, isso após propor ações educativas. Como resposta, Luis Camnitzer produziu para fachadas de museus a frase: “O museu é uma escola. O artista aprende a se comunicar; o público aprende a fazer conexões”. Esta iniciativa já passou por museus de vários países, incluindo o Brasil no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 2016.

Sob esta perspectiva de importância histórica, social e educacional que o Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia possui inicialmente dois importantes museus da cidade de Belém como parceiros, O Espaço Cultural Casa das Onze Janelas e o Museu da UFPA (MUFPA). Devido a questões que envolveram problemas de infraestrutura na Casa das Onze Janelas no ano de 2018, outro importante museu se tornou também parceiro do Prêmio Diário, o Museu do Estado do Pará (MEP).

A preocupação do Prêmio Diário com estes diálogos entre a mostra e a sociedade é um ponto que vêm se desenvolvendo ao longo do tempo, pois, de forma gradativa, foi se constituindo um corpo em relação à arte/educação promovida.

Mariano Klautau Filho, idealizador do projeto, afirma:<sup>3</sup>

No terceiro ano ele foi para a Casa das Onze Janelas e o Museu da UFPA, a gente sentiu que precisava ter uma dedicação maior, foi quando começamos a chamar a figura de um arte

<sup>3</sup> Entrevista realizada em 18 de abril de 2019.



educador para pensar o projeto de ações educativas. Passamos a ter a presença de pessoas que vieram da área, e depois isso se constituiu em uma coordenação de ações educativas. Então, foi começando a crescer a partir do terceiro ano, hoje é um setor que a gente vem se dedicando cada vez mais. (MARIANO KLAUTAU FILHO, comunicação pessoal, 2019).

Portanto, começam a integrar a equipe do Prêmio Diário coordenadores educativos e mediadores culturais, os quais passam por um processo de seleção e formação para, assim, atuarem ativamente com o público. Mais do que obras expostas, interagir com o público é também aprender por meio da arte, é refletir sobre questões que, talvez, não tenham sido visualizadas até aquele momento, é abrir novos horizontes.

### **Mediação cultural e processos educativos**

Os museus e instituições culturais, cada vez mais, têm atentado para a questão de que o educativo e a mediação cultural em exposições são também formas de atrair público (ALENCAR, 2008). O que seria, então, a mediação cultural?

Mesmo com tantas iniciativas, cursos, colóquios, pesquisas e exposições, dificilmente será possível levantar uma definição precisa e imutável acerca da mediação cultural. É uma tarefa que ainda está em processo (PERROTI, 2016) e que, devido a sua fluidez e dinâmica, está em constante desenvolvimento e aprimoramento. Apesar disso, é possível fornecer elementos que auxiliem nesta compreensão.

Signates (1998) introduz discussões filosóficas acerca de uma possível origem da ideia de mediação, tendo como procedentes uma visão idealista, de origem cristã, ligada à mediação entre Deus e o mundo, entre os santos e os pecadores. Perpassa também pela epistemologia behaviorista, na qual a mediação está entre um estímulo inicial e uma resposta que foi gerada, com faces para uma perspectiva dialética. Desse modo, a mediação, em ambos os casos, é vinculada a uma noção de intermediário.

Nesse sentido, ao trazer para o contexto da mediação cultural, Davallon (2003) a percebe como uma interface entre dois universos até então estranhos um ao outro: o público e o objeto cultural.

Tal ideia também entra em conformidade com o pensamento de Cinthya Marques <sup>4</sup>, coordenadora do educativo do Prêmio Diário em 2016 e 2017, pois afirma:

Por mais que esteja ali um grupo escolar visitando uma exposição, se a exposição não se aproxima dos estudantes eles não vão se identificar com a obra, ou podem entender que aquilo ali está distante da realidade deles. Então, eu sempre tentei trazer essa questão da aproximação das obras com o público para que o público pudesse se identificar, se ver, ver um espelho na obra de arte, ver a si mesmo. (MARQUES, comunicação pessoal).

Pode-se perceber, portanto, que a mediação cultural está relacionada a intermediar uma parte a outra. No entanto, esta relação pode ir mais além: a mediação pode ser instrumento para se ter um envolvimento ativo na construção de interpretações a partir dos dispositivos culturais apresentados (NASCIMENTO & SALCEDO, 2016), pensamento que também entra em acordo com Alencar (2008, p. 33), a qual reitera que “ao propor a ideia de intermédio, penso diferentemente, acredito numa construção de saberes, a mediação como uma ação provocadora e investigativa, que pressupõe diálogo e reflexão”. Isso porque, por mais que haja um caminho a ser seguido na exposição e se pense previamente nos temas que serão debatidos, os visitantes trazem sua bagagem cultural, suas percepções e cognições sociais e culturais, fato que não pode ser esquecido neste processo educativo.

Vale ressaltar que esta pluralidade que envolve a mediação deve estar presente na formação dos educadores, já que estes trabalharão diretamente nestas relações. Oliveira (2015) ressalta a impossibilidade de se estabelecer, a partir de uma premissa única e imutável, os saberes de educadores culturais. Isso porque são constituídos de diversas formações, percursos e subjetividades. Dessa forma, ao levantar questões sobre a formação de mediadores culturais, Coutinho (2009) ressalta a importância de se trabalhar questões ligadas à constituição do discurso a partir da pesquisa e aprofundamento dos conteúdos da exposição, porém, sem perder de vista as competências necessárias para se trabalhar com o contexto educacional. Deixa explícito que não há uma fórmula exata para o desenvolvimento de tais competências, mas levanta importantes considerações:

No processo de formação é importante ressaltar as competências ou dimensões do campo educacional e do campo comunicacional que se entrelaçam na ação mediadora.

<sup>4</sup> Entrevista realizada em 27 de abril de 2019.

Resumidamente pode-se dizer que são as competências para se relacionar com o público. Porém sabemos que o público se constitui de sujeitos diversos, com diferentes demandas e necessidades, pertencentes a diferentes comunidades interpretativas. Ou seja, quando falo da dimensão comunicacional, não me refiro apenas à capacidade de se comunicar, de colocar a voz, de ter atenção com sua postura corporal, seu olhar, seus gestos, enfim sua presença em relação ao grupo e ao próprio espaço expositivo, questões importantes, mas chamo a atenção, sobretudo para a capacidade de flexibilizar a comunicação para os diferentes públicos. Sensibilidade de escuta para perceber as diferentes demandas, para identificar sem estereotipar os diferentes contextos de origem dos sujeitos. Em suma, capacidade de articular e adequar seu discurso para os diferentes públicos (COUTINHO, 2009, p. 3745).

Portanto, os visitantes também são sujeitos ativos na mediação e dialogar com estes diferentes aspectos de pontos de vista é uma das tarefas dos educadores dos museus (MARTINS, 2013). O processo educativo pode se tornar uma experiência transformadora na vida dos visitantes, por isso, deve-se dedicar atenção a esta atividade.

Esta relação do Prêmio Diário com as escolas da rede pública e privada do município de Belém, Pará, faz com que o ensino de artes seja expandido para além das disciplinas já previstas na grade curricular. Pode ser levado a outras perspectivas e experiências propositivas para uma formação do sensível. Faz-se, então, presente a relação museu-escola como uma alternativa no ensino das artes visuais em espaços não formais de ensino.

### **Formação da mediação educativa**

Do dia 01 a 05 de abril de 2017, estava aberta a convocatória de mediadores culturais para atuarem na oitava edição do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia. Dessa forma, os inscritos deveriam enviar currículo por e-mail e, posteriormente, seriam feitas entrevistas nas quais selecionariam os candidatos para o curso de formação de mediação educativa do supracitado evento.

A formação ocorreu nos dias 22 e 23 de abril, no Museu de Arte Sacra do Pará. A partir das dinâmicas propostas durante o curso, seriam selecionados os mediadores. Assim sendo, a formação intitulada *Olhar e ser visto: práticas educativas na poética do retrato*, sob coordenação de Cinthya Marques e Rodrigo Correia, teve início com uma dinâmica de conhecer o outro e retratá-lo. O Prêmio Diário, anualmente, possui uma temática norteadora. No ano de 2017, o tema foi *Poéticas e Lugares do Retrato*. Portanto, as ações promovidas na seleção do educativo seguiram este rumo.



Nesta primeira dinâmica de levar os olhos ao outro, não apenas de forma física, foi também um momento para o conhecer. Seus desejos e memórias, experiências e trajetórias foram base para se formar retratos manuais, base para uma sensibilização do olhar. Nesse contexto, é inserida a temática do retrato e sua abrangência no que se relaciona à representação a partir da arte.

Na continuação da formação, foram feitas as leituras, análises e comentários em conjunto de textos de Enrico Costelnuovo, Teixeira Coelho e Jacques Rancière. Estes textos nos familiarizaram com a relevância que o retrato abrange na história da arte como um dos mais antigos e também renovados gêneros. Suas particularidades de se apegar à verossimilhança nas pinturas até as possibilidades representativas, conceituais e estéticas presentes mais na contemporaneidade tornam o retrato um assunto para se tratar a partir de inúmeras possibilidades. Trabalhar estes textos e autores foi uma alternativa de nos inserir na temática deste ano.

Enquanto falávamos acerca do retrato, também nos mostravam alguns dos trabalhos selecionados que fariam parte da mostra do ano em questão. Ao final dos dois dias de formação, já conhecíamos os trabalhos e os artistas selecionados. Após sermos apresentados às produções, foi proposta como atividade que escolhêssemos duas e fizéssemos associações entre elas. A relação despertada era de escolha livre. Tivemos um tempo para executar esta tarefa e expor aos coordenadores e a todos os participantes. Dessa maneira, escolhi os trabalhos *A Era de Ouro da Miséria*, de Isabel Santana Terron (Figura 01) e *Retrato Falado*, de Keyla Sobral (Figura 02).

Figura 01 – Imagem da série *A Era de Ouro da Miséria*



Fonte: Tabloide Prêmio Diário 2017

Figura 02 – Imagem da série *Retrato Falado*

RETRATO FALADO 1

MULHER, 1,70, CABELOS LISOS NA  
ALTURA DOS OMBROS, DOURADOS,  
ANDA UM POUCO MANCA - DO LADO  
DIREITO - DAS DESAVENTURAS DA VIDA.

Fonte: Keyla Sobral.

O primeiro trabalho se trata de registros de barracos de pessoas que moram nas ruas de São Paulo. Nas imagens não se vê pessoas, mas são perceptíveis seus rastros e certo cuidado estético na arrumação do lar. O segundo se trata de uma proposição que envolve relato oral e imagens visuais,



são descrições físicas e de algumas ações de pessoas a partir do ponto de vista da artista. Conectei essas duas produções em uma ação educativa de mediação.

Não vemos pessoas no trabalho de Isabel Santana, no entanto, esses barracos são comuns em praticamente todas as capitais do país, o que nos faz ter uma imagem mental sobre eles. O exercício seria de imaginar as pessoas que ali residem. Descrevendo-as, como na proposta de Keyla. Acredito que esta simples atividade aciona processos criativos de pensar em retratos a partir de memórias, do cotidiano, assim como reflexões sobre o outro. Tais processos atestam como a criatividade é inerente ao ser humano e o desenvolvimento deste potencial é uma das suas necessidades.

Dando continuidade ao processo, após o curso de formação, foram selecionadas as pessoas que iriam compor a equipe do educativo do Prêmio Diário. Para a Casa das Onze Janelas foram selecionados oito mediadores, quatro para atuar na parte da manhã e quatro à tarde. Para o MUFPA, três mediadores no período da manhã e três no período da tarde.

## **Cotidiano, mediação**

Após o período de seleção e formação, fui designado para atuar no Museu da Universidade Federal do Pará<sup>5</sup>, no período da manhã. Este museu, criado na década de 1980, localizado no bairro de Nazaré, tem uma significativa atuação no que se refere à difusão e preservação das produções artísticas na Amazônia. O Palacete Augusto Montenegro, nome da residência onde se localiza o museu e cuja origem se conecta ao início do século XX, foi tombado pelo Governo do Estado do Pará enquanto Patrimônio Histórico em 2003. Hoje, com frequentes exposições, o MUFPA é um importante espaço para o encontro e valorização da arte na cidade de Belém.

Pouco antes das nove horas da manhã, abríamos o Museu, ligávamos as luzes, os condicionadores de ar e as projeções. Deixávamos a casa aberta e pronta para receber os visitantes. Iniciava-se a mediação. Às nove horas, chegava o ônibus com a turma agendada para o dia – de maneira geral, havia um agendamento diário, em alguns momentos mais de um. Este é um ponto que

---

<sup>5</sup> É importante mencionar que na Casa das Onze Janelas estavam os trabalhos selecionados pelo júri, enquanto no MUFPA estavam as participações especiais, artistas emergentes do Estado, os convidados do curador Mariano Klautau e o artista convidado para mostra individual.

vale ressaltar do Prêmio Diário, a disponibilização de ônibus para o transporte das alunas e alunos, o que permite que escolas públicas também participem do projeto.

Confirmávamos com os professores dados referentes à quantidade de alunos e se havia algum com necessidade especial. Posteriormente, dividíamos em dois grupos: um para conhecer a exposição no segundo andar e outro para conhecer a localizada no térreo, depois era feita a inversão.

Ao grupo que iniciava no térreo, começávamos apresentando o Museu. Muitos estavam naquele lugar pela primeira vez, e era perceptível os olhos sendo direcionados com surpresa para os pisos, paredes, teto e tamanho da casa. “Vocês sabem quem morava aqui?” Era uma pergunta que gostava de fazer. Falava que o primeiro ocupante fora um governador, cujo nome era também de uma conhecida rodovia da cidade. Vários nomes eram mencionados até que se ouvia: “Augusto Montenegro”. Brevemente, falávamos um pouco do histórico da residência, desde a morada do governador até ser reitoria e, por fim, Museu da Universidade.

Após reformas e restauros, muito da decoração original não se conservou. Todavia, ainda é possível visualizar partes das estampas das paredes e, assim, imaginar como se decorava a casa toda. Este exercício de andar pelo lugar e imaginar como ele já foi encantava especialmente às crianças, que faziam comentários como “eu queria morar numa casa assim” ou “eu ia me perder numa casa tão grande como essa”.

Depois de andar pela casa, ainda no andar térreo, voltávamos a conversar com os alunos sobre algumas normas e procedimentos, como não tirar foto da exposição com flash ou tocar nas imagens, uma vez que tais ações podem causar alterações nas obras. Dessa maneira, tratávamos de visitar a mostra individual *Interiores*, de Geraldo Ramos, artista convidado para a oitava edição do Prêmio Diário Contemporâneo (Figura 03).

Figura 03 – Alunos em visita à mostra *Interiores*, no Museu da Universidade Federal do Pará.



Fonte: arquivo pessoal.

Nesta série, formada por fotografias documentais, Geraldo retrata a cultura popular e a paisagem paraenses, manifestadas de diversas maneiras. É possível ver fotografias da Marujada, festas de São Caetano de Odivelas, como o boi de máscaras ou a Festa de São Pedro. São ritos e festas que representam uma paisagem cultural de Belém e de cidades interioranas. Como muitas dessas imagens e lugares eram comuns para os alunos, eles se manifestavam dizendo que conheciam tal festividade ou que já estiveram no local. Lembro-me de uma menina que contou que era maruja<sup>6</sup> e que ansiava por essa época do ano.

Deixávamos que os alunos andassem, olhassem e interpretassem as imagens. Ficávamos ali para eventuais dúvidas ou diálogos. Quando terminava a visita na parte superior, invertíamos os grupos. Então, o grupo do térreo era organizado para subir a escada, a qual possui sinuosas curvas e faixas de madeira encaixada, sendo um dos elementos do museu que chamam bastante atenção.

Após estarem organizados no andar superior do museu, falávamos um pouco sobre retrato, o tema da edição deste ano. “Quem aqui gosta de tirar retratos?”. De maneira geral, todos se

---

<sup>6</sup> Durante a festividade da Marujada, homenagem ao padroeiro da cidade, São Benedito, marujas e marujos são as pessoas que usam roupas especiais nas cores vermelho e branco e seguem caminhada pelas ruas do município de Bragança, nordeste do Pará.



manifestavam de forma positiva à proposição. “Então, o que é um retrato?”. Neste ponto falávamos sobre retratos e diferentes formas de concepções sobre o termo. Talvez a mais famosa obra no que tange à arte e retrato, a *Monalisa*, era um dos exemplos utilizados. Perguntava se eles a conheciam e se podiam me descrevê-la. Uma mulher pintada à frente e uma paisagem ao fundo era uma das várias descrições. Instigava perguntando se um retrato poderia ser apenas a partir deste conceito, com uma pessoa no principal plano da imagem. Seguíamos com esta ideia para a visualização da exposição.

Nessa mediação, destaco dois trabalhos que particularmente me agradavam pelos diálogos que suscitavam: *A Casa de Marlene* e *Margem de Beira, passagem. Paisagem*. O meu trabalho favorito desta mostra se tratava de *A Casa de Marlene*, da artista Suely Nascimento (figura 04). Assim que parados em frente a ela, indagava: “esta imagem é um retrato?”. Alguns respondiam que não.

Figura 04 – Parte da série *A Casa de Marlene*, de Suely Nascimento (PA).



Fonte: Memorial *A Casa de Marlene* (2018)

A este respeito da ideia do que é ou não um retrato, vale ressaltar que, com estudos focados principalmente na década de 1960 com o advento da Arte Pop e do Minimalismo, a arte contemporânea pode ser vista como mais uma possibilidade de rompimento às artes clássicas, posto que o contemporâneo pode “explodir os enquadramentos sociais e artísticos do modernismo, abrindo-

se a experiências culturais díspares” (ITAÚ CULTURAL, 2018). Tal compreensão permite uma diversidade de abrangências e possibilidades de criações artísticas pela arte contemporânea.

Sobre esta produção, Suely Nascimento (2018, p. 17) declara que se trata de “um percurso pleno de afetos. Senti vontade de guardar em minha memória o jeito como ela ajeitava o nosso lar”. A imagem se trata de um retrato da mãe de Suely, na qual por mais que ela não apareça, é possível que ela seja retratada pela subjetividade que envolve seu ser. É um retrato da ausência. Um retrato da saudade, em conformidade com indagação de Clarisse Lispector (1964, p. 23): “Fotografia é o retrato de um côncavo, de uma falta, de uma ausência”. A imagem ainda trazia dúvidas se se tratava de uma pintura ou de uma fotografia. Devido à plástica envolta de luz e sombra, fazia-se um efeito que levantava esse questionamento em alguns dos visitantes.

Esta série também era composta por um vídeo, em uma sala mais à frente. Pedíamos que o grupo se sentasse e prestasse atenção ao que acontecia. Depois, perguntávamos o que fora observado. No vídeo, pode-se ouvir vários sons, folhas balançando com o vento que sopra e alguns animais andando. É um vídeo delicado que demonstra bem o carinho de Marlene por aquele quintal. “Fazia um poético e delicado passeio pelo mundo das memórias afetivas familiares, e gravava.” (NASCIMENTO, 2018, p. 25). Os visitantes, então, iam identificando e verbalizando os elementos que compunham o trabalho.

Outro momento da mediação que me chamava atenção era quando entrávamos na sala que estava a série *Margem de Beira, passagem. Paisagem*, de Lucas Negrão. Este foi um dos trabalhos selecionados como participação especial, uma forma de incentivo a artistas emergentes do Estado.

Os alunos circulavam pela sala, olhavam as fotografias e depois questionávamos: “Vocês reconhecem o lugar dessas fotos?” Algumas identificavam que se tratava de Mosqueiro, Ilha que faz parte do município de Belém. “E quem são essas pessoas?” Instigávamos de forma que eles mesmos percebessem que as fotografias apresentavam crianças trabalhando. Esta situação é de certa forma, e infelizmente, comum no Município, por isso fácil de serem identificadas. “E criança deveria estar trabalhando?”. Praticamente todos respondiam em coro que não. “Criança deveria tá fazendo o que?” Estudando e brincando, ouvíamos como resposta.

Tais experiências entram em consonância com Barbosa (2002) quando afirma que a arte desenvolve a percepção e imaginação e que, por meio dela, é possível apreender a realidade percebida e, a partir disso, desenvolver a capacidade crítica. Este pensamento está atrelado também às possibilidades reflexivas que podem ser construídas a partir de uma instituição cultural como um museu, pois “o museu é um dos locais em que se processa nossa cognição, em que exercitamos nossa capacidade de leituras do mundo por meio das referências materiais ali encontradas e suas contextualizações” (LIMA, 2009, p. 233).

Nessas simples perguntas, portanto, foi possível introduzir uma ideia, mesmo que sem falar dela diretamente, sobre diferenças de classes sociais. Por que uma criança está vendendo pupunhas em uma estrada enquanto outras estão na escola e visitando um museu? É um tipo de questionamento que talvez lhes tenha passado, o que é de certa maneira revelador quanto ao posicionamento colocado por De Moura:

É preciso ressaltar que esta foi uma vivência e exercício que não se consiste em dar respostas, mas problematizar. Em cada grupo com o qual pude estar em contato, agi de forma um tanto diferente, pois cada grupo tem as suas próprias características. [...] É justamente na diversidade que encontramos respostas diferentes para somar experiências. (DE MOURA, 2007, p. 138).

Após a visitação no andar superior, os professores responsáveis ligavam para solicitar o retorno do ônibus, para que os levassem à Casa das Onze Janelas. Enquanto isso, organizávamos para tirar foto com todos na escada. Fizemos isto em quase todos os agendamentos, o que proporcionou registros das várias escolas que visitaram o MUFPA neste período.

Quando perguntávamos aos alunos o que tinham achado da visita, recebemos retornos positivos. Alguns me falaram, inclusive, que gostariam de trabalhar ali. Seria aquele momento determinante para definir novas trajetórias de vida? As artes tem o poder de conectar as subjetividades dos envolvidos e por isso, quando há uma conexão, elas tocam, emocionam. Ser mediador no Prêmio Diário me fez perceber o porquê de ter escolhido abraçar o universo que permeia as artes.

O Museu da Universidade Federal do Pará é um local emblemático para a cidade não somente por seu contexto histórico e por sua arquitetura eclética. Frequentá-lo, além de valorização, é uma



experiência para a vida. Aproximar-se de espaços culturais e da arte pode mudar caminhos, pode mudar vidas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar sobre a mediação cultural é evidenciar a importância social dos equipamentos culturais, mais especificamente os museus. Dessa forma, o Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia abre portas para a reflexão, para uma aproximação às artes de modo diferente do dia a dia da sala de aula. Assim, é na atuação com as vidas que ali transitam que a mediação se torna um intrínseco modo de agir, pois as pessoas que por ali passam podem ser afetadas de tal maneira que podem ser instigadas a ir a outros espaços culturais, a voltar outras vezes à exposição do Prêmio Diário, a se interessarem por pesquisar sobre artes, a mudarem suas formas de atuar em sociedade e, até mesmo, a conjecturar novos rumos para suas vidas.

Por mais que na teoria os equipamentos culturais sejam abertos para toda a sociedade, na prática ainda há muitas pessoas que não o acessam, o que é resultado de vários fatores, como falta de representatividade nesses espaços, elevadas jornadas diárias de trabalhos para grande parte da população e também a desvalorização das artes. Por essa razão, destaco meu vínculo com um projeto de impacto para muitos na nossa região, que oferece visitação e transporte gratuitos. Por conseguinte, proporciona que as escolas públicas – algumas de lugares bem distantes do centro da cidade – possam ter acesso à mostra e aos espaços culturais que a abrigam. Muitos dos estudantes que visitam a mostra têm seu primeiro contato com um espaço cultural, por isso a importância de fazer deste um momento único. Com a mediação, é possível aproximar vários mundos: o visitante e as obras de arte. Tal aproximação pode reverberar por um instante, assim como pelo decorrer da vida.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Valéria Peixoto de. **O Mediador Cultural. Considerações sobre a formação e profissionalização de educadores de museus e exposições de Arte**. Dissertação (Mestrado em Artes) — Universidade Estadual Paulista, 2008.

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. (org). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

COUTINHO, Rejane Galvão. **Questões sobre a formação de mediadores culturais**. Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas–ANPAP. Anais do 18º. Encontro Nacional da ANPAP/Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Org. Maria Virgínia Gordilho Martins (Viga Gordilho), Maria Herminia Oliveira Hernández–Salvador: EDUFBA, p. 3737-3749, 2009.

DAVALLON, Jean. **A mediação: a comunicação em processo?**. Revista Prisma. com, n. 4, 2010.

DE MOURA, Lídice Romano. **Arte e Educação: uma experiência de formação de educadores mediadores**. 2007.

FÁVERO, Osmar. **Educação não-formal: contextos, percursos e sujeitos**. Educação & Sociedade, v. 28, n. 99, p. 614-617, 2007.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal**. Sion: Institut International des Droits de 1º Enfant, p. 1-11, 2005.

GARCIA, Valéria Aroeira; ROTTA, Daltro Cardoso. **Cartografias da Educação não-formal**. Revista de Ciências da Educação, v. 13, p. 25, 2011.

Itaú Cultural. **ARTE Contemporânea**. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo354/arte-contemporanea>>. Acesso em: 18 de Fev. 2019. Verbete da Enciclopédia.

LIMA, Anny Christina. **Traços e passos: visitas ao Museu Lasar Segall**. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. (org). Arte/educação como mediação cultural e social. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo GH**. Rio de Janeiro: Rocco. 1964.

MARTINS, Luciana Conrado (org) et al. **Que público é esse? Formação de públicos de museus e centros culturais**. São Paulo: Percebe, 2013.

NASCIMENTO, Amanda Carla Ganim do; SALCEDO, Diego Andres. **A música como mediação cultural e transformação social para crianças autistas**. In: Salcedo, Diego Andres. (org). Mediação Cultural. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. 252 p.

Nascimento, Suely da Silva. **A casa de Marlene**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências das Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes, Belém, 2018.

OLIVEIRA, Maria Juliana De Sá. **Saberes e identidade profissional dos educadores de museus.** 2015. 140f. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) - Programa de PósGraduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba e Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

PERROTI, Edmir. **Mediação Cultural: além dos procedimentos.** IN: Mediação Cultural. (org) Salcedo, Diego Andres. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. 252 p.

SIGNATES, Luis. **Estudos sobre o conceito da mediação.** Novos Olhares, São Paulo, n. 02, p. 37-49, 1998.